

DESENVOLVIMENTO PARA QUEM?

Amanda Motta Castro*

Resumo: Este artigo resulta da Tese de Doutorado defendida em 2015. A investigação buscou principalmente analisar como ocorre o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual realizada por mulheres no município de Resende Costa/MG. A atividade com os fios é predominantemente feminina. Por falta de trabalho, no entanto, as mulheres do referido município passaram a ensinar os homens a tecer. A partir disso, desencadeou-se um processo de desenvolvimento local: o pequeno município conta com 98 lojas de artesanato que atraem turistas e lojistas de norte a sul do Brasil que buscam comprar artesanato por baixo preço. A metodologia da investigação teve como base a pesquisa participante, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e diário de campo. Entre os resultados encontrados, observa-se que o processo de produção artesanal compreende uma série de técnicas e conhecimento automatizado invisibilizado que, durante gerações, foi um processo ensinado pelas mães às filhas. Entretanto, devido à falta de trabalho para os homens, as mulheres ensinaram quase uma localidade inteira a tecer e, por intermédio delas, desencadeou-se um processo de desenvolvimento. Porém, este desenvolvimento, que fez o município crescer e que criou uma alta produção artesanal, trazendo emprego para muitas pessoas, deveria contemplar a distribuição de bens, e as pessoas deveriam ter a

* Doutora em Educação pela UNISINOS com bolsa CAPES e período sanduíche realizado no departamento de Antropologia da UAM. Tem se ocupado em pesquisar os processos de produção do conhecimento realizados por mulheres tecelãs, a fim de analisar a complexidade da aprendizagem nesse contexto em articulação com a Educação Popular e os Estudos Feministas. Contato: motta.amanda@terra.com.br

possibilidade de se beneficiar das riquezas produzidas no lugar onde vivem. No entanto, o que se vê em Resende Costa é que as mulheres, na grande maioria, ainda continuam sendo as mais pobres. Isso porque elas têm menos produção do que os homens e permanecem no espaço privado, conciliando a dupla jornada: a doméstica e a têxtil. Sendo assim, este texto busca problematizar a questão sobre o desenvolvimento e a vida das mulheres e faz a crítica: desenvolvimento para quem?

Palavras-chave: Estudos Feministas; Educação Popular; Desenvolvimento.

Abstract: This article resulting from the Doctoral Dissertation defended in 2015. The study aimed mainly to analyze how is the process of teaching and learning of manual weaving done by women in the municipality of Resende Costa, MG. The work with threads is predominantly female. However, due the lack of jobs, the women in this municipality began to teach men how to weave. Since then, a local development process sparked: this small town has 98 handicraft shops that attract tourists and shopkeepers from north to south of Brazil seeking to buy handicrafts at a low price. The methodology was based on participatory research, carried out through semi-structured interviews, participant observation and field diary. Among the findings, it notes that the handmade production process comprises a series of techniques and automated knowledge made invisible that, throughout generations, was a process mothers taught their daughters. Meanwhile, due to lack of work for men, women taught almost an entire village to weave and, through them, triggered a development process. However, this development, which has made the city grow and which created a high craftsmanship, bringing employment for many people, should include the distribution of goods, and people should have the possibility to benefit from the wealth produced in the place where they live. Nevertheless, what we see in Resende Costa is that women, in most cases, are still the poorest. This is because they have less production than men and remain in the private space,

combining the double shift: domestic and textiles. Thus, this text seeks to discuss the issue of women`s development and lives. And makes criticizes: development for whom?

Keywords: Feminist Studies; Popular Education; Development.

Introdução

*“Competir em igualdade sendo desiguais
coloca as mulheres em desvantagem e nos
leva a desigualdade.”*
(LAGARDE, 2005, p. 18)



Tecelã tecendo. Resende Costa/MG/BR
FONTE: acervo da pesquisadora, 2012.

Este texto é um recorte da pesquisa de doutorado defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O objetivo principal da pesquisa foi compreender e discutir

como ocorre o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual no município de Resende Costa/Minas Gerais.

Resende Costa foi criado em 30 de agosto de 1911 e está localizado a 186 quilômetros de Belo Horizonte. Ali é comum o seguinte dito popular: “*Em Resende Costa, em cada casa existe um tear.*” Esse ditado torna-se um fato quando se pisa no município onde se acorda com o barulho dos teares.¹

O município vive predominantemente do artesanato têxtil, confeccionando principalmente peças para a casa. Segundo dados do IBGE de 2010, sua população é de 10.941 habitantes.

No município há uma biblioteca municipal que empresta livros para a comunidade. Resende Costa tem três semáforos, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça e 98 lojas de artesanato.

Em Minas Gerais, a participação no artesanato dos fios é predominantemente de mulheres.² Porém, no início da década de 1980, o pequeno município mudou a tradição: em Resende Costa, homem também tece.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora por longos períodos. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e filhas e na tecelagem. O trabalho nos teares manuais faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres

¹ Informações obtidas no arquivo de Resende Costa durante pesquisa empírica no mês de julho de 2011 e também disponíveis em: <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/>>. Acesso em: 4 set. 2009.

² Afirmação feita com base na pesquisa empírica e durante a realização do estado da arte. No sul de Minas Gerais, onde há uma forte presença da tecelagem, são quase exclusivamente as mulheres que tecem. (MEDEIROS, 2002; DUARTE, 2002).

ensinar às filhas as técnicas dos teares para que estas reforçassem o sustento da família. A tecelã Azul³ explica:

O problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom. (Tecelã Azul, durante entrevista em julho de 2011).

Assim, em Resende Costa o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e é ampliada pelo desejo de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Aqui, as famílias geralmente desenvolvem o seu artesanato no fundo de suas casas, realizando a venda por encomenda em lojas organizadas em frente (ou dentro) delas, em geral na sala.

No início da década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer não somente às suas filhas como também aos homens criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja pela venda das peças produzidas nos teares, seja pelo trabalho direto nos teares ou no comércio local para atender turistas. A venda de tecelagem atrai turistas

³ Sabe-se que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Nesta investigação optou-se por identificar as pessoas que compõem esta pesquisa por cores e não pelos nomes verdadeiros. Esta decisão orienta-se pelos escritos de Wivian Weller (2010, 2011). De acordo com essa autora, o nome verdadeiro das pessoas com as quais se realizam pesquisas não deve ser colocado em trabalhos acadêmicos. As pessoas podem mudar de opinião, de profissão, de vida. Desse modo, podem não querer a publicação de alguma coisa do que eram no passado. A autora que fez sua Tese de Doutorado com jovens negros em São Paulo e jovens turcos na Alemanha entende que o nome e histórias de vidas devem ser preservados como um ato de respeito à vida das pessoas que cooperam com as pesquisas. Dessa forma, nesta proposta, levando em consideração os escritos de Weller (2010, 2011), optamos por identificar as pessoas que compõem esta pesquisa por cores e não pelos nomes verdadeiros.

de norte a sul do Brasil que lotam as ruas do pequeno município nas montanhas de Minas Gerais.

A opção metodológica da pesquisa aqui apresentada foi fundamentada na pesquisa participante e na metodologia feminista. Portanto, a metodologia deste trabalho aponta o compromisso com o Feminismo e a Educação Popular.

Como técnicas de pesquisa utilizou-se a observação participante, entrevistas e diário de campo. Através das técnicas aqui apresentadas a pesquisa empíria resultou em um vasto material: 126 páginas digitadas em espaço simples de entrevistas, 248 fotos, 1 caderno de anotações da observação participante, além de 32 páginas de repassos⁴.

Os teares e as técnicas de tecer em Minas Gerais

Para Rolf Twardokus⁵ (2004), a tecelagem é definida como o processo de produção de tecidos, por meio do

⁴ Os desenhos feitos no tear são os repassos. A técnica é responsável pelos muitos desenhos nas peças da tecelagem. O repasso acontece por meio de uma série de combinações nas pisadas e nas linhas enfiadas no liço. As tecelãs criam cada um deles, e é tradição guardá-los e repassá-los às próximas gerações em especial a filhas e amigas. A tecelã que criou o repasso o batiza com um nome significativo. Temos, em Minas Gerais, mais de 50 repassos que vem através dos anos sendo mantidos nas famílias pelas mulheres. Nos dias atuais, poucas pessoas sabem e criam repassos novos, devido à sua complexidade. Os repassos são criados, codificados e guardados em papel. A primeira vez que vi um repasso, ele me lembrou uma partitura musical. Ver CASTRO, Amanda Motta. Os repassos nos teares manuais: a inventabilidade das tecedoras de Minas Gerais. In: Elí Bartra. (Org.). **Mujeres, Feminismo y Arte Popular**. 1. ed. Cidade do México: UAM, 2015, p. 137-148

⁵ Utilizo o nome e sobrenome do/a autor/a na primeira citação. Nas citações seguintes, os/as autores/as passam então a ser mencionados apenas com o último sobrenome. Seguimos a orientação formal da Revista Estudos Feministas de citar o nome completo, como uma forma inclusiva de perceber a produção científica. Paulo Freire faz referência à importância do lugar da linguagem inclusiva após ser criticado por sua linguagem machista por feministas norte-americanas que leram sua principal obra – *Pedagogia do Oprimido* (1964). Freire admite seu machismo e retoma esta questão na *Pedagogia da Esperança*, publicada em 1992 (2003, p. 67). Passando então a utilizar uma linguagem inclusiva.

cruzamento perpendicular de fios em dois sistemas paralelos. São eles: o urdume e a trama.

A tecelagem manual é provavelmente uma das artes mais antigas e estima-se que tenha se iniciado há cerca de 5 mil anos. (LANZELLOTTI, 2009). Em todas as culturas encontram-se vestígios dessa arte marcando a história do respectivo povo e cultura. (BUENO, 2005).

Segundo Dinah Pezzola (2008), o trabalho de tecer se iniciou com a manipulação de fibras com os dedos. Segundo a autora, “o mais antigo indício da existência têxtil na história da humanidade data de mais de 24 mil anos; recentemente foram encontradas preciosidades que documentam a presença da tecelagem no período paleolítico”. (PEZZOLA, 2008, p. 13).

No Brasil, algumas tribos indígenas conheciam e praticavam a tecelagem. As mulheres indígenas trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses, a tecelagem passou a ser tramada no tear – então trazido pelos portugueses – e era desenvolvida pelas mulheres escravas e livres para a vestimenta de suas famílias. Em 1785, houve a proibição da confecção têxtil no Brasil.

Em 1785, a rainha Dona Maria I assinou um alvará mandando destruir todos os teares brasileiros. Dona Maria I fez isso pressionada pelas indústrias da Inglaterra, que exportava seus tecidos para o Brasil e não estavam dispostos a enfrentar concorrência da produção local. (SENAC, 2002, p. 9).

A tecelagem sobreviveu então na clandestinidade, nas regiões mais afastadas do Brasil, principalmente no interior dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Somente em 1809 a atividade saiu da clandestinidade, quando Dom João VI revogou o decreto de Dona Maria I.

Logo as montanhas mineiras, onde se encontra Resende Costa foi um dos locais onde a atividade sobreviveu pela resistência em continuar com um trabalho proibido e,

pelo processo pedagógico, se preservou através das gerações, sobretudo pelas mãos das mulheres.

Minas Gerais tem forte presença e tradição artesanal. No Museu de Artes e Ofícios⁶, no centro de Belo Horizonte, há um espaço destinado a diferentes ofícios; ali o artesanato está ilustrado e preservado, incluindo a tecelagem manual.

No final da década de 1960, o movimento hippie⁷ foi um dos responsáveis por manter viva a tradição mineira do artesanato. Nessa década nasce, em Belo Horizonte, a Feira Hippie, que acontece todos os domingos em uma das principais avenidas da capital. A Av. Afonso Pena é fechada para que centenas de artesãs e artesões exponham seus produtos, muitos deles vindos do interior do estado. A feira foi criada na Praça da Liberdade, em 1969, e, no ano de 1991, foi para a Av. Afonso Pena, onde permanece até hoje.

Em Minas Gerais, as pesquisas de Concessa Vaz de Macedo (2003, 2006), Maria Mitiko (2002) e Claudia Duarte (2002) apontam que o trabalho da tecelagem é predominantemente feminino. São as mulheres que tecem, e este conhecimento é repassado de mãe para filha.

O artesanato dos fios foi mapeado no Estado: dos 853 municípios⁸ municípios, 219 têm presença da tecelagem manual.

⁶ O Museu de Artes e Ofícios está localizado em Belo Horizonte. Informações disponíveis em: <<http://www.mao.org.br/>>. Acessado em: 10 dez. 2015.

⁷ Há, ainda hoje em Minas Gerais, uma forte presença da tecelagem. No final da década de 1960, o movimento hippie foi um dos responsáveis por manter viva a tradição mineira de tecelagem. É nessa década que nasce a Feira Hippie, primeiramente acontecendo na Praça da Liberdade, em 1969, e, em 1991, deslocando-se para a Av. Afonso Pena. A oficialmente Feira de Arte e Artesanato da Avenida Afonso Pena é conhecida por turistas e moradores como a Feira Hippie, sendo a maior do Brasil. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/guia/feira-hippie-1>>; <<http://www.feiradeartesanato.net>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

⁸ Número de municípios de Minas Gerais de acordo com o IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

A importância da tecelagem em Minas Gerais é forte e vem de longa data. No Brasil, em 1872 havia 139.488 trabalhadores/as dos fios, dos quais 50,5% encontravam-se em Minas Gerais. (MACEDO, 2003, 2006).

A produção doméstica dos fios difundiu-se enormemente em Minas Gerais, em particular no início do século XIX. Segundo Gustavo da Silva (1997), esta técnica foi trazida ao estado pelos colonizadores. A tecelagem faz parte da história econômica regional, nos séculos XVIII e XIX. Nos teares, eram feitas as roupas que vestiam mulheres e homens, livres e escravos.

No estado de Minas Gerais, as mulheres são as principais trabalhadoras desse artesanato.

Mais de 90% da força de trabalho era composta de mulheres, tanto em Minas quanto no país como um todo. Sob essas condições, não se pode deixar de admitir que as mulheres trabalhadoras mineiras representavam o país na qualidade de produtos e tecidos, ou melhor, de artesãs de fios e tecidos. (MACEDO, 2006, p. 230).

Segundo Douglas Libby (1997), o inventário dos teares da capitania de Minas Gerais de 1786 registrou, no estado, 1.248 teares divididos em 1.242 casas.

De acordo com os estudos de Macedo (2006), 66,96% das mulheres livres e 58,89% das mulheres escravas trabalhavam na produção de fios e tecidos. A autora afirma que

[...] ao longo do século XIX, em Minas Gerais, a produção de fios e tecidos expandiu-se consideravelmente, tornando-se uma indústria cujos trabalhadores eram tipicamente mulheres. Estas, escravas ou não, eram as artesãs de seus ofícios – as “cardadeiras”, “fiandeiras”, “tecedeiras” e “tingideiras”. A eventual reunião de escravas sob um mesmo teto e sob a vigilância de um feitor, em nada modifica o caráter artesanal de seu trabalho, antes corresponde às relações de dominação prevalecentes. (MACEDO, 2006, p. 3).

Segundo as pesquisas desta autora, é possível ver o número das pessoas que trabalhavam com os fios: 33.597 mulheres livres e 8.305 mulheres escravas trabalhavam com esse artesanato. Entre os homens, esse número cai para 283 homens livres e 123 homens escravos.

Entretanto o número de pessoas empregadas na produção artesanal era certamente muito maior que aquele indicado pelo censo, porque muitas mulheres que fiavam e teciam como parte de sua rotina doméstica devem ter sido classificadas como “serviço doméstico” ou “sem profissão”. (MACEDO, 1983, p. 88-89).

A atividade de fiação na época, com os instrumentos disponíveis, era um trabalho sem fim, impelindo as mulheres a fazê-lo a qualquer hora e lugar para suprir os teares. É bastante provável que um número significativo de fiandeiras tenha sido subtraído da profissão designada, no censo, como “operários em tecido”, restrita (literalmente) à tecelagem propriamente dita (ou produção de tecidos).

Dessa maneira, os números das pesquisas já existentes mostram um estado marcado pelo trabalho artesanal dos fios com a presença especialmente de mulheres.

A entrada do tear elétrico no trabalho da tecelagem

Na Europa, um filho de tecelões estava incomodado com sua tarefa de ajudar os pais a tecer. Desde os dez anos trabalhava com tear manual, e sua principal tarefa era preparar o tear, fazer o urdume e organizar as cores e novelos para que as figuras tecidas saíssem bem feitas. O rapaz não gostava da tarefa; achava que demasiadamente chata, cansativa e sem fim. O jovem cresceu, tornou-se engenheiro e criou, em 1804, o primeiro tear automático. (SANTOS, 2011).

O tear automático já tinha sido idealizado pelo inglês Edmund Cartwright (1743-1823), mas este fracassou na

tentativa de comercialização de sua invenção. Desse modo, a invenção do símbolo da Revolução Industrial ficou com o filho de uma tecelã e um tecelão. Até hoje o tear criado por Joseph-Marie Jacquard, na França, é utilizado nas inúmeras fábricas têxteis do mundo todo.

Na época da invenção – e ainda hoje – nem todas as pessoas viam e veem o tear inventado por Jacquard como algo bom. Na época, houve revolta entre os trabalhadores e trabalhadoras da tecelagem manual. Diversos protestos marcaram a invenção de Jacquard; várias pessoas queimaram os novos teares e chegaram a agredir fisicamente o engenheiro. (BRITÂNICA ESCOLA ONLINE, 2013).

A complexidade do funcionamento de um tear é tão grande que muitas pessoas da área da informática consideram Jacquard o primeiro programador do mundo, e tem seu tear automático como o ponto de partida para a informática que hoje nos dá acesso a dados pessoais, comunicação e troca de informação em qualquer lugar do mundo. Segundo Santos (2011, p. 3), “Jacquard percebeu que as mudanças seguiam uma lógica e inventou um processo de cartões perfurados que definiam padrões nas laçadeiras e assim o trabalho dos/as tecelão/as seria trocado para algo automático”.

Atualmente, no local onde foi realizada esta pesquisa, as opiniões sobre os teares automáticos divergem. Algumas pessoas avaliam ser importante ter os teares automáticos, pois seria impossível as tecelãs darem conta de vestir sete bilhões de pessoas. Por esse motivo, entende-se que, de fato, o tear automático é necessário. Para outras, o tear é uma praga; deveria ser desativado, pois tira trabalho das pessoas, além de não ter a qualidade e o toque de criação artística e estética das populações que produzem a tecelagem.

Mesmo com divergência de opiniões, em uma questão as tecelãs estão de acordo: vender produtos da China, feitos em teares automáticos, por preços bem mais baratos em terras

mineiras, tentando se passar por artesanal, é golpe baixo. Assim, tanto as favoráveis ao tear automático como as contrárias fazem guerra aos produtos *Made in China*. A principal arma é ensinar clientes a reconhecer os produtos artesanais, feitos à mão, com criação própria, e que não se têm dois iguais, isto é, cada peça é única, fruto de trabalho árduo e singular, com uma estética que tear automático nenhum faz.

Mais de 200 anos depois da criação do tear automático, a complexidade deste instrumento de trabalho segue. As trabalhadoras dos teares buscam, por meio da experiência, fazer adaptações para que os teares manuais sejam mais confortáveis de trabalhar. No lugar onde foi realizada essa desta, as tecelãs recorrem ao trabalho também artesanal de um marceneiro, que faz pequenas modificações nos teares: conserta, propõe e discute as mudanças e os problemas. O trabalho conjunto aqui é fundamental para que a criação seja realizada.

Ação das mulheres no *desenvolvimento* de Resende Costa

A tecelagem trouxe crescimento para Resende Costa. Além das 98 lojas de artesanato que empregam pessoas do município e garantem trabalho para a população, os pequenos comércios, como restaurantes, bares e lanchonetes, sobrevivem principalmente do artesanato dos fios que atraem turistas de norte a sul do Brasil.

A escuta junto a tecelãs e tecelões que sobrevivem desse artesanato mostra o crescimento e a oportunidade de trabalho, nas palavras da tecelã Dourada afirma que:

Eu acho que o processo manual faz milagre viu?! Acho sim. Você pensa assim: ninguém vai sobreviver com isso não, que vê acha que não dá. Mas não é não, aqui eu e muita gente sobrevive disso aí, do tear. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

Porém, ao mesmo tempo e de forma paradoxal, essa escuta mostra que a vida não é assim tão fácil pelo fato de se ter trabalho e dinheiro para sobreviver. Ela suscita reflexões sobre o crescimento e desenvolvimento. Fica-se então com a pergunta: Que desenvolvimento é este?

Na teoria econômica, o desenvolvimento de um país é medido pelo Produto Interno Bruto (PIB) que, dividido *per capita*, mostra o grau de riqueza dos habitantes. Como o PIB é a atual medida do desenvolvimento, a sua elevação passa a ser considerada a meta fundamental de qualquer governo.

No entanto, um desenvolvimento atrelado à riqueza, poder de consumo e crescimento econômico não é um desenvolvimento que contemple, de forma inclusiva, todas as pessoas, tampouco este modelo leva em consideração as milhares de pessoas excluídas dos requisitos básicos para a sobrevivência humana.

Segundo Miguel Teuabal (2011), o desenvolvimento funda-se no aspecto econômico, mas também pode ser compreendido no âmbito social, político e, algumas vezes, como aspecto cultural. Para o autor, o desenvolvimento no cenário mundial representa os interesses das grandes empresas. Ele argumenta que este desenvolvimento nada tem a ver com as necessidades mínimas de sobrevivência das classes pobres da população mundial. Sendo assim, os movimentos sociais estão certos ao lutarem por um novo modelo de desenvolvimento que considere as necessidades e os desejos das classes menos favorecidas, que estão à margem do desenvolvimento proposto pelas grandes corporações.

Para a maioria das pessoas, o crescimento está estreitamente relacionado com o desenvolvimento, sobretudo porque o crescimento é compreendido como o desenvolvimento do produto nacional. Todavia, de acordo com o pensamento de Teuabal (2011), o crescimento ocorre

quando vem acompanhado de uma melhor distribuição de renda, redução do número da pobreza e aumento da democracia. Sem esses fatores, não se pode associar o desenvolvimento ao crescimento, pois este não necessariamente garante aquele.

Amartya Sen (2008, 2009) tem sido citado por diversos estudiosos do tema do desenvolvimento. A partir de sua contribuição, foram incluídos indicadores sociais nos padrões de classificação dos países, o que resultou na criação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A lógica do pensamento desse autor tem influenciado a articulação das políticas para os países periféricos. Ele avançou ao alterar a definição de desenvolvimento que contemplava apenas a renda *per capita* do país, muito mais ligada ao conceito de crescimento, que em nada garantia a distribuição dos benefícios para a população.

No livro *Desenvolvimento com liberdade*, Sen (2009) busca ir além dos índices oficiais de desenvolvimento humano (PIB, PNB, IDH). Para o autor, o desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam ou não. Dentro desse pensamento, a liberdade é um meio principal para o desenvolvimento.

Segundo o autor, a liberdade política, religiosa, social, econômica, a garantia de transparência bem como a segurança protetora são fundamentais para o desenvolvimento humano, pois todas se complementam e se fortalecem entre si. Desse modo, uma pessoa que tenha liberdade econômica e social, mas não tenha liberdade religiosa, por exemplo, não está em total liberdade. Logo, o desenvolvimento desta pessoa não está completo. A partir dessa reflexão, o autor considera que o desenvolvimento requer: liberdade política; facilidades econômicas; oportunidades sociais; garantias de transparência; e segurança protetora.

Sen (2009) não aponta critérios de desenvolvimento único ou preciso. Em sua abordagem, o desenvolvimento não pode ser comparado nem classificado, pois ele é uma relação entre os vários modos de liberdade necessários para o desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a liberdade humana é o principal meio do desenvolvimento. Sendo assim, o objetivo do desenvolvimento relaciona-se com a avaliação das liberdades reais desfrutadas ou não pelas pessoas, sendo necessário aqui colocar a liberdade no centro do palco e não os dados oficiais econômicos.

Segundo o autor, é a questão econômica que está no centro do palco e não a liberdade, gerando assim distorções terríveis. Para exemplificar, ele menciona as injustiças vividas por muitas pessoas em países com um grande “desenvolvimento”. Um homem negro americano que vive nos Estados Unidos, o país mais rico do mundo, tem uma expectativa de vida inferior a um homem habitante do estado de Kerala, na Índia.

Tal realidade invariavelmente leva à pergunta: Afinal, de que adianta um modelo de desenvolvimento baseado na riqueza econômica se esta não se reflete na melhoria das condições de vida das pessoas?

Será que o sucesso está mesmo atrelado apenas à capacidade empreendedora de cada indivíduo? Ou existe uma relação de gênero, classe e raça/etnia estabelecida neste processo, principalmente se se refletir que o maior número da produção da tecelagem neste município está na mão das mulheres? E o maior número de lojistas é de homens? Sen (2009) aponta ainda a importância das mulheres para o desenvolvimento. Segundo ele, é necessário “retificar muitas desigualdades que arruinam o bem-estar das mulheres e as sujeitam a um tratamento desigual”. (SEN, 2009, p. 221).

Nessa perspectiva, o real desenvolvimento acontece

quando o ser humano pode decidir livremente o que deseja fazer ou seguir e como deseja fazê-lo. Em *Desigualdade Reexaminada*, Sen (2008) argumenta que, a partir de elementos básicos, o ser humano torna-se agente de seu destino. Nas palavras do autor, “É a constituição dessas ‘liberdades’ (por exemplo, liberar o indivíduo da fome) que são capazes de dar às pessoas sua ‘condição de agentes’ para atuar livremente e construir seu futuro como queiram. Ser pobre poderá ser uma escolha?” (SEN, 2008, p. 116).

As tradicionais reivindicações básicas de saúde, educação, condições de moradia dignas, entre outras, são reivindicações mínimas para que, pelo menos, as pessoas possam existir. Para Sen (2008), esses são os cerceadores da liberdade individual que garantem aos indivíduos oportunidades e possibilidade de escolha. A partir disso, o autor argumenta que o ser humano está livre para agir como deseja, para decidir onde trabalhar, o que produzir e o que consumir.

A crítica feminista no que tange a questão do desenvolvimento tem sido duras, isso porque a pobreza é feminilizada no mundo e as mulheres tem sido fortemente maltratadas no modelo vigente de desenvolvimento.

Marcela Lagarde (1996), em seu livro *Gênero y Feminismo: Desarrollo humano y democracia*, trabalha na perspectiva da necessidade urgente de um desenvolvimento mais humano. A autora indica a exclusão das mulheres no processo de desenvolvimento e afirma que, se elas fossem incluídas neste processo, ter-se-iam melhores condições de sobrevivência. Analisa também que o desenvolvimento atual é pautado pelas prioridades e interesses masculinos; logo, o modelo atual desenvolve a exclusão das mulheres, uma vez que estas representam mais da metade da população mundial, acarretando desigualdade e pobreza. Nas palavras da autora,

[...] incluir as necessidades das mulheres e considerá-las prioritárias; modificar as necessidades humanas dos homens, uma vez que muitas delas concretizam formas e mecanismos de opressão sobre as mulheres; modificar as necessidades comunitárias, nacionais e mundiais ao requerer um caminho de desenvolvimento com sentido mais humano, ou seja, centrado na escala humana. (LAGARDE, 1996, p. 163).

Vandana Shiva (1993) pontua que o desenvolvimento tem negado e negligenciado, sobretudo, mulheres e crianças. O desenvolvimento deveria estar a serviço do bem-estar, porém esse modelo não trouxe melhor qualidade de vida para as pessoas mais pobres, e sim degradação ambiental, pobreza, desvalorização e negligência. Dessa forma, as mulheres permanecem no anonimato e não como participantes do desenvolvimento. Elas permanecem no invisível. (NEEF, 2003). Sobre essa questão a tecelã vermelho conta que:

Olha, a tecelagem já dá pouco, ainda nós temos que fazer todo o serviço da casa e de cuidar de menino. Então é muita coisa, os homens ganham mais do que nós, porque não tem toda essa carga de trabalho além do tear. Se nos tivéssemos só o tear dava mais um pouco de dinheiro. (Tecelã Vermelho durante entrevista em julho de 2012).

A autora Martha Nussbaum (2002) diz que as mulheres são pessoas de segunda categoria no mundo. Esta sua afirmação se sustenta porque as mulheres são pior alimentadas; têm menor nível de saúde; são mais vulneráveis ao abuso sexual, à violência física; são menos alfabetizadas do que os homens; ganham menos que os homens e sofrem mais assédio em espaços de trabalho do que eles. (NUSSBAUM, 2002). Sandra Duarte de Souza (2009, p. 42-43) pontua que:

[...] um bilhão de mulheres, ou uma em cada três do planeta já foram espancadas, forçadas a ter relações sexuais ou submetidas a algum tipo de abuso. 50% das latino-americanas

experimentaram algum tipo de violência. No Brasil estima-se que a cada 15 segundos uma mulher é agredida, normalmente em seu lar, por uma pessoa com quem mantem relações afetivas.

Dessa forma, pode-se afirmar que o desenvolvimento não tem sido igualitário para ambos os sexos, deixando as mulheres em desvantagem: “De todas maneras, las desiguales circunstancias sociales y políticas dan a las mujeres capacidades humanas desiguales”. (NUSSBAUM, 2002, p. 28), a tecelã cinza emocionada compartilha a incerteza do seu trabalho que tanto desenvolvimento trouxe para o lugar onde vive:

Fico preocupada, se eu fico doente? Se não consigo mais trabalhar? Aí eu faço o que? Por isso que eu sempre digo que não posso ficar doente, nem colocar atestado para não trabalhar, mesmo doente a gente tem que vim. (Tecelã Cinza durante observação participante, 2012).

Ignacy Sachs (2008) afirma que o maior objetivo do desenvolvimento deve ser a promoção da igualdade, a redução da pobreza e a maximização das vantagens da população que vive em piores condições de vida. Para ele, é extremamente contraditório que, num mundo cheio de riquezas e “desenvolvimento”, existam pessoas sem o mínimo para sobrevivência.

O autor descreve alguns pontos fundamentais para uma proposta de um desenvolvimento desejável e possível: oportunidade de trabalho, inclusão social, políticas públicas, distribuição de renda, igualdade, equidade e solidariedade. O autor apresenta ainda cinco questões importantes para o desenvolvimento: o social, o ambiental, o territorial, o econômico e o político. Para ele, a sociedade alcançará um desenvolvimento incluyente quando começar a favorecer o jogo aos participantes mais fracos mediante ações afirmativas

que visem ao apoio a estas populações e, para tanto, são necessárias estratégias a curto e médio prazos, propostas de políticas públicas que requeiram um amplo debate social, inclusive mudança imediata de paradigma.

A feminista brasileira Rosiska Darcy de Oliveira (1995) escreve um texto intenso de anúncio e denúncia, em que afirma não existir desenvolvimento sem democracia e cidadania e que não se alcançará o desenvolvimento sem se discutir a questão da pobreza. A autora argumenta que não se é igual em direitos, isso porque as pessoas vivem numa sociedade entre muros de raça, classe e de gênero. Além disso, denuncia os desdobramentos da pobreza na vida das pessoas que estão excluídas do “desenvolvimento” vigente.

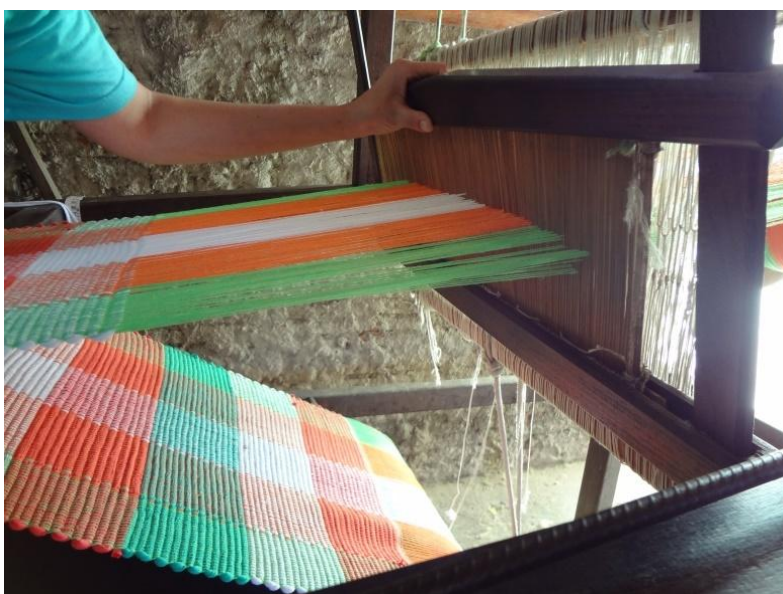
Nesse sentido, a questão da pobreza diz respeito à mulher, porque ela se feminiza no mundo. Portanto, é necessário dar atenção especial às questões das mulheres para se atingir o desenvolvimento. Oliveira (1995, p. 209) denuncia também que “a pobreza como todas as outras experiências humanas têm sexo, mas o pior cego é aquele que não quer escutar”.

Frente a isso, são apontadas três questões fundamentais para o combate da pobreza feminizada: trabalho, educação e o combate à violência. A autora retoma Virginia Woolf, que escreve sobre a necessidade de as mulheres terem um quarto para si e uma renda mensal. Oliveira (1995) busca aporte em Virginia Woolf para observar que 60 anos depois de os escritos dessa autora terem sido publicados na Inglaterra, as necessidades fundamentais das mulheres ainda não foram supridas.

Nessa perspectiva, as políticas públicas podem apontar novos caminhos no tocante à educação, geração de renda e combate à violência. Entretanto, em Resende Costa, tecelãs afirmam que não existe incentivo através de política pública por parte do governo.

Por fim, Oliveira (1995) faz um anúncio: o desafio do movimento feminista agora é ir além da denúncia e fazer anúncios através da qualificação das reivindicações. Pensa-se que o artesanato não pode ficar de fora do mote de anúncio de Oliveira (1995), pois a qualificação do artesanato, por meio da certificação e políticas que auxiliem as mulheres na geração de renda e gestão, são necessárias para se pensar num desenvolvimento mais humano, como ensina Lagarde (1996).

Conclusões



Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa/MG/BR
FONTE: acervo da pesquisadora, 2011

De acordo com dados oficiais do Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), organizados juntamente com o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) e do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), mais da metade dos artesãos

compõe-se mulheres: cerca de 80% do número total. Quase 90% moram na zona urbana, bem como realizam suas atividades na própria residência, sendo que 52% das artesãs e artesãos recebem menos de um salário mínimo nacional, e 42% recebem entre um e cinco salários, embora dificilmente ultrapassem o valor de um salário mínimo. Por este motivo uma questão marca a fala das tecelãs: todas as entrevistadas fazem todo possível para que suas filhas e filhos trilhem outro caminho, a tecelã azul destaca que:

Acho que meus filhos vão ter outros caminhos, eles vão estudar. A gente não estudou quase, eu quero que eles estudem, que formem, que arrumem qualquer coisa na vida e não fiquem igual nós batendo tear o dia inteiro quando dá [...] é um trabalho bonito sabe, eu gosto, mas é um trabalho dolorido (Azul fosco durante entrevista em julho de 2012).

As palavras da tecelã mostram que mesmo a tecelagem sendo fundamental para Resende Costa e trazendo trabalho para a comunidade local, esta arte, rica em técnica e conhecimento, ainda é colocada à margem do conhecimento formal. Além disso, a tecelagem segue sendo um trabalho visto como “bico”, sobretudo por ser um trabalho predominantemente feminino.

As mulheres que fazem este trabalho o fazem simultaneamente com todas as tarefas de cuidado com a casa e a família. Já os homens, não. Estes fazem com “exclusividade” o trabalho da tecelagem.

Quando os homens são ensinados pelas suas mulheres a tecer foi à falta de trabalho e as constantes saídas desses homens, que ocasionaram essa movimentação entre as mulheres do município estudado. Dessa forma, o processo de ensinar saiu da casa onde as mulheres ensinavam suas filhas. Por falta de trabalho para os homens, elas ensinaram quase uma localidade inteira a tecer e, por intermédio delas, desencadeou-se um processo de desenvolvimento. Porém,

este desenvolvimento, que fez o município crescer e que criou uma alta produção artesanal, trazendo emprego para muitas pessoas, não é o desenvolvimento igualitário entre mulheres e homens.

O que se vê em Resende Costa é que as mulheres, na grande maioria, ainda permanecem as mais pobres, isso porque têm menos produção do que os homens e permanecem no espaço privado, conciliando a dupla jornada: a doméstica e a têxtil.

No trabalho diário da tecelagem, trabalham homens, mulheres e meninas adolescentes. É um trabalho que todo mundo vê e cujo produto as pessoas compram. Todavia é um trabalho mais desvalorizado quando feito por mulheres. Nas observações realizadas, viu-se que, enquanto as mulheres trabalham conciliando tecelagem, trabalho doméstico e cuidado dos filhos, filhas e familiares em geral, elas tecem em casa, fazendo um movimento simultâneo, um movimento nada simples, que não é realizado pelos homens.

A tecelagem para os homens é profissão, coisa séria, e eles não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho com os fios. A maioria dos homens entrevistados são aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para garantia de direitos trabalhistas.

Eles também são os principais donos das lojas de artesanato ou trabalham com outros processos de comercialização de produtos para tecelagem, como a venda de retalhos vindos de Santa Catarina, que são transformados em fios e com os quais se fabricam os tapetes.

Pode-se verificar a precariedade do trabalho artesanal na força com que as mulheres do lugar desta pesquisa buscam tirar, principalmente suas filhas, desse trabalho. Todas as entrevistadas afirmaram que gostam da tecelagem, gostam de tecer acham bonito e útil que as filhas aprendam a trabalhar com os fios. Contudo não querem que permaneçam no tear

porque, segundo elas, é um ofício em que se trabalha muito, ganha-se pouco dinheiro e adoce-se bastante.

Dito isso, o desenvolvimento local desenvolvido pelas tecelãs em Minas Gerais não tem beneficiado elas próprias, e esse fato reafirma as palavras de Lagarde (2005, p. 18) que compõem a epígrafe deste artigo: “Competir em igualdade sendo desiguais coloca as mulheres em desvantagem e nos leva a desigualdade”, a realidade apontada por Lagarde e que compõe a luta teórica e militante de muitas outras feministas é vista no trabalho da tecelagem manual em Minas Gerais em que o desenvolvimento criado pelas próprias mulheres tem sexo.

Referências

- BUENO, Luçany Sila. **As técnicas tradicionais das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia-GOs**. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural). Programa de Pós-Graduação do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás, 2005.
- CASTRO, Amanda Motta. **Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: A formação de tecelãs em Resende Costa, MG**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.
- _____. **Reafirmações do Feminino no Movimento Pentecostal: implicações no cotidiano 'ordinário' de tecelãs**. 1. ed. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- _____; OLIVEIRA, K. L. (Org.). **Desigualdades de gênero e as trajetórias latino-Americanas: Reconhecimento, dignidade e esperança**. 1ª. ed. São Leopoldo: EST, 2014
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** Rio de Janeiro: Paz e Terra 1964.
- _____. **Pedagogia da Esperança** Rio de Janeiro: Paz e Terra 2003.
- LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2011.
- _____. **Claves feministas**. Madri: Horas & Horas, 2005.
- _____. **Gênero y feminismo: Desarrollo humano y democracia**. Madrid: Horas & Horas, 1996.

- LANZELOTTI, Gilberto. **História da tecelagem artesanal no Brasil**. Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- LIBBY, Douglas. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências em Minas Gerais. **Estudos econômicos**, v. 27, n. 1, jan./abr. 1997.
- MACEDO, Concessa Vaz de. A indústria têxtil suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: Uma reavaliação. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, jan./jun. 2006.
- MACEDO, Concessa Vaz de. **A produção têxtil de fios e tecidos em Minas Gerais**. 2003. Disponível em: <http://www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/macedo_01.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- MAGNANI, José Guilherme C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MEDEIROS, Mitiko Kodaira. **O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, São Paulo: Universidade Paulista, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MITIKO, Kodaira. **O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, São Paulo: Universidade Paulista, 2002.
- NEEF, Manfred. “Empoderamento” de comunidade e desenvolvimento alternativo. *Pedagogia Social – Artigos*. **Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica do Brasil**, Boletim n. 17, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.pedagogiasocial.com.br>>. Acesso em: 09 set. 2011.
- NUSSBAUM, Martha. **Las mujeres y el desarrollo humano**. Barcelona: Herder, 2000.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Igualdade, desenvolvimento e paz. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, 1995.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- PEREIRA, Gislaíne de Souza. **Introdução à tecnologia têxtil**. 2011. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABrTUAG/apostila->

[fiacao?part=9#>](#). Acesso em: 10 dez. 2015.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: História, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora SENAC. 2008.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTOS, M. C. L.; SILVA, Gustavo Melo da. **Tear: arte de Resende Costa, MG**. São João del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 1997.

SANTOS, Raquel. **História da programação: Como tudo começou!** Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/platb/desenvolvimento/category/historia/>. Acesso em: 2013.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SENAC. **Fios e Fibras Oficina de artesanato**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2002.

SHIVA, Vandana. O empobrecimento do ambiente: as mulheres e as crianças para o fim. In: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SOUZA, Sandra Duarte de. **A casa, as mulheres e a igreja: Gênero e a religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TEUBAL, Miguel. **Apuntes sobre el desarrollo**. Disponível em: <http://otrosbicentenarios.blogspot.com.br/2008/12/otros-bicentenarioscabos-sueltos-de-un.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

TWARDOKUS, Rolf Guenter. **Reuso de Água no Processo de Tingimento da Indústria Têxtil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química, Centro Tecnológico. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

WOOLF, Virginia. **Un cuarto próprio**. Cidade do Mexico: Colofon, 2012.

Recebido: 05/03/2016

Aprovado: 18/03/2016

